

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS E IA NA ESCRITA E LEITURA DE JOVENS: REVISÃO DE LITERATURA¹

THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS AND AI ON YOUNG PEOPLE'S WRITING AND READING: A LITERATURE REVIEW

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.020-062>

Simone Diogo de Oliveira Alencar

Normal Superior Instituto ISEP. Instituto Superior de Educação Presbiteriana
Pedagogia: UNITINS
Psicopedagogia Institucional, Clínica e TEA: FAVENE
E-mail: simone.doa1173@gmail.com

Thallyta Teixeira Silva

Pós-graduação em Tradução, Interpretação e Docência da Libras
Unintese
E-mail: thallytats@mail.uft.edu.br

Marcos da Silva Verde

Especialista
E-mail: marcossilvaverde@outlook.com

Simone Nascimento Esteves Ferreira

Letras Libras, Letras Portuguesa, Comunicação Assistiva
Unintese
E-mail: simonenef@gmail.com

Jonael Macedo Nascimento

Pós-graduação Psicopedagogia Institucional e Gestão
Facprisma
E-mail: jonaelmacedo4@gmail.com

Karina Cristina Rodrigues Aguiar Magalhães

Pós-graduada em Tradução, Interpretação e Docência da Libras
Unintese
E-mail: karinaaguiarprof@gmail.com

Raneide Pinto de Cerqueira Campos

Pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva com Ênfase em Surdez e
Libras
UNIBF
E-mail: raneidecampos@gmail.com

¹ Artigo científico apresentado ao Grupo Educacional IBRA como requisito para a aprovação na disciplina de TCC.



Lucas da Costa Ribeiro

Grau de formação Profissional em Atendimento Educacional Especializado – IFTO

Instituto Federal do Tocantins, Campus Palmas

E-mail: Lucas.cst46@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2356-6173>

Everton Araújo Mota

Graduação em Letras/Inglês

Faculdade Excelência/Faex

E-mail: professoreverton26@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a influência das redes sociais e da inteligência artificial (IA) nos processos de leitura e escrita de jovens, considerando os benefícios e desafios que essas ferramentas digitais apresentam. A metodologia adotada baseia-se em uma revisão de literatura qualitativa, abrangendo publicações entre 2015 e 2025 nos campos da educação, linguística e comunicação. A discussão evidenciou que, embora tais tecnologias favoreçam a criatividade, a interação e o acesso rápido à informação, elas também podem contribuir para a superficialidade da leitura, a dependência de algoritmos e o afastamento das normas formais da língua. Conclui-se que a tendência atual é a busca por estratégias pedagógicas que equilibrem o uso inovador das tecnologias digitais e a preservação de competências linguísticas essenciais, destacando o papel da escola e dos educadores na formação crítica dos jovens.

Palavras-chave: Língua portuguesa; IA; Leitura e escrita; Jovens e rede sociais.

ABSTRACT

This study aims to analyze the influence of social media and artificial intelligence (AI) on young people's reading and writing processes, considering the benefits and challenges these digital tools present. The methodology adopted is based on a qualitative literature review, covering publications published between 2015 and 2025 in the fields of education, linguistics, and communication. The discussion highlighted that, although such technologies promote creativity, interaction, and rapid access to information, they can also contribute to superficial reading, dependence on algorithms, and a shift away from formal language norms. The conclusion is that the current trend is toward pedagogical strategies that balance the innovative use of digital technologies and the preservation of essential language skills, highlighting the role of schools and educators in the critical development of young people.

Keywords: Portuguese language; AI; Reading and writing; Young people and social media.



1 INTRODUÇÃO

A influência das redes sociais e da inteligência artificial (IA) na escrita e leitura de jovens tem se tornado um tema recorrente na literatura acadêmica, visto que esses recursos digitais modificam práticas linguísticas e cognitivas. Nas últimas décadas, o ambiente virtual passou a ocupar espaço significativo no cotidiano, moldando tanto a forma de comunicação quanto a aprendizagem escolar e universitária.

Pesquisas indicam que essas ferramentas digitais contribuem para a ampliação do acesso à informação e para a diversificação dos estilos de escrita, mas também trazem preocupações em relação à superficialidade da leitura e ao distanciamento das normas formais da língua (Moraes, 2019).

Assim, este estudo tem como propósito investigar como as redes sociais e a IA impactam os hábitos de leitura e escrita de jovens, delimitando a análise ao período de 2015 a 2025 e buscando compreender tanto os benefícios quanto os riscos que tais tecnologias apresentam. Para alcançar esse objetivo, adotou-se uma revisão de literatura qualitativa, pautada em artigos, dissertações e teses, com a intenção de reunir perspectivas que dialoguem com os campos da educação, da linguística e da comunicação.

A justificativa para esta investigação repousa no fato de que os jovens são protagonistas das práticas digitais atuais, e compreender a relação deles com essas ferramentas é essencial para orientar políticas pedagógicas e estratégias de letramento. Como defende Rojo (2018), o ato de ler e escrever deve ser compreendido como prática social, e não apenas como decodificação de palavras.

Desse modo, analisar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento dessas habilidades torna-se fundamental. Resultados preliminares sugerem que, embora as redes sociais e a IA favoreçam criatividade, engajamento e acesso rápido ao conhecimento, elas também podem gerar dependência, perda de profundidade interpretativa e dificuldades na construção crítica do texto escrito (Ferreira, 2021; Andrade, 2024).

Conclui-se, portanto, que o desafio contemporâneo consiste em equilibrar inovação tecnológica e formação linguística sólida, preparando jovens para um uso consciente e crítico das ferramentas digitais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

As redes sociais se tornaram uma das ferramentas mais presentes no cotidiano contemporâneo, especialmente entre jovens. Plataformas como Instagram, TikTok, X (antigo Twitter) e Facebook deixaram de ser apenas espaços de socialização e entretenimento, transformando-se em ambientes de circulação de informação, produção de conteúdo e construção de identidade digital. Silva (2018) observa que a participação ativa dos jovens nesses meios fortalece um novo tipo de cultura, em que a comunicação é marcada pela velocidade, pela multimodalidade e pela interatividade constante.

O crescimento das redes sociais também trouxe novas práticas de leitura e escrita, visto que o usuário não se limita a consumir conteúdos, mas também os produz. De acordo com Prado (2020), essa dinâmica



de leitura e escrita coletiva cria um ciclo contínuo, no qual cada postagem pode gerar comentários, compartilhamentos e novas versões do mesmo texto. Isso altera a relação dos jovens com a linguagem, promovendo maior fluidez, mas também um uso menos sistematizado da norma padrão.

Outro aspecto a destacar é a influência dos algoritmos. Gomes (2021) ressalta que o conteúdo consumido pelos jovens não é escolhido de forma totalmente livre, mas filtrado por sistemas que priorizam engajamento. Essa seleção interfere na forma como os jovens se relacionam com textos, já que a exposição se concentra em materiais curtos, rápidos e de linguagem simplificada. Assim, os hábitos de leitura e escrita acabam moldados pelas lógicas comerciais das plataformas digitais.

Além disso, as redes sociais possibilitaram o surgimento de comunidades virtuais em torno de interesses específicos, como literatura, música ou ciência. Fernandes (2022) mostra que esses grupos, apesar de superficiais em alguns casos, também podem estimular práticas de leitura e escrita colaborativa, criando oportunidades de aprendizagem informal que dialogam com o contexto escolar.

Por fim, a contextualização das redes sociais evidencia um cenário de dualidade: ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação e estimulam a criatividade textual, podem comprometer a profundidade leitora e a qualidade da escrita formal. Nessa perspectiva, comprehende-se que a análise crítica dessas plataformas se faz necessária para que educadores e pesquisadores possam extrair delas benefícios pedagógicos sem desconsiderar seus riscos (Carvalho, 2020).

2.1 IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NA LEITURA

O impacto das redes sociais na leitura juvenil é um dos temas mais debatidos na atualidade. A leitura, que tradicionalmente exigia linearidade e concentração, passou a competir com estímulos visuais e sonoros constantes. Rocha (2019) aponta que, nesse contexto, os jovens tendem a realizar leituras rápidas e fragmentadas, com foco no essencial para a compreensão imediata, mas sem dedicação a análises mais profundas.

Essa superficialidade leitora tem repercussões importantes no ambiente escolar. Santos (2021) destaca que muitos estudantes apresentam dificuldades em compreender textos densos, como artigos científicos e obras literárias, devido ao hábito de consumir conteúdos breves em redes sociais. Isso compromete a capacidade de argumentação e interpretação crítica, competências fundamentais para o desenvolvimento acadêmico.

Contudo, também existem aspectos positivos. Lima (2019) defende que a leitura em ambientes digitais estimula a construção de novos repertórios culturais, já que os jovens têm acesso a diferentes linguagens, gêneros textuais e realidades sociais. Assim, mesmo que a leitura seja fragmentada, ela proporciona contato com múltiplas formas de expressão e amplia horizontes.



Outro impacto relevante é a formação de leitores mais seletivos. Gomes (2021) argumenta que, diante da abundância de informações, os jovens precisam desenvolver estratégias de filtragem, aprendendo a diferenciar fontes confiáveis de conteúdos superficiais. Esse processo, quando bem orientado, pode contribuir para a formação de leitores críticos e conscientes.

Em síntese, as redes sociais impactam a leitura juvenil de forma ambígua: ao mesmo tempo em que reduzem a profundidade interpretativa, também ampliam o contato com novas formas de linguagem e exigem maior discernimento. Cabe ao ambiente educacional explorar esse potencial sem ignorar as dificuldades trazidas por tais práticas digitais (Fernandes, 2022).

2.2 MUDANÇAS NOS HÁBITOS DE LEITURA

As transformações nos hábitos de leitura são visíveis quando se compara o cenário atual com décadas anteriores. Se antes os jovens tinham como principal suporte de leitura os livros impressos e revistas, hoje predominam as telas de smartphones e tablets. Segundo Carvalho (2020), essa mudança de suporte altera não apenas a forma como os textos são lidos, mas também as expectativas em relação à duração e ao ritmo da leitura.

A leitura digital é marcada pela interrupção constante. Jovens frequentemente leem enquanto recebem notificações de mensagens, assistem a vídeos ou interagem em tempo real com amigos. Fernandes (2022) explica que esse comportamento multitarefa reduz a concentração e compromete a capacidade de memorizar conteúdos, criando uma nova geração de leitores dispersos.

Outro ponto de mudança é a preferência por conteúdos multimodais. Imagens, áudios e vídeos passam a ser integrados ao texto, criando experiências de leitura híbridas. Oliveira (2023) observa que essa multimodalidade torna a leitura mais atraente, mas pode enfraquecer o foco na textualidade escrita, já que outros recursos assumem protagonismo.

Apesar disso, não se pode ignorar o potencial inclusivo das novas práticas de leitura. Ribeiro (2021) mostra que jovens de diferentes contextos sociais têm hoje maior acesso a textos digitais, o que amplia a democratização da leitura. Esse acesso, mesmo que superficial em alguns casos, representa uma oportunidade de inserção cultural.

Assim, as mudanças nos hábitos de leitura evidenciam tanto perdas quanto ganhos. Há perda na concentração e na profundidade interpretativa, mas há ganho em termos de acesso, diversidade textual e engajamento. O desafio está em conciliar as vantagens do digital com a necessidade de manter a competência leitora tradicional (Prado, 2020).



3 IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NA ESCRITA

A escrita também foi profundamente transformada pelas redes sociais. Em vez de ser restrita a ambientes formais, passou a ser uma atividade cotidiana, utilizada para interagir, opinar e construir identidades digitais. Lima (2019) afirma que essa democratização da escrita permitiu que jovens se tornassem autores em espaços públicos, desenvolvendo autonomia e protagonismo comunicativo.

Entretanto, esse processo trouxe desafios relacionados à qualidade do texto. Martins (2019) alerta que a prática da escrita abreviada e a ausência de normas ortográficas, comuns nas redes, podem comprometer a aquisição de habilidades formais. Esse cenário se reflete em dificuldades de coerência, coesão e argumentação em textos escolares.

Além disso, a velocidade das interações exige que a escrita seja breve e imediata. Santos (2021) observa que essa característica cria barreiras quando os jovens precisam produzir textos mais extensos, como dissertações ou relatórios acadêmicos. Assim, o hábito de escrever pouco e rápido pode limitar a capacidade de desenvolver ideias complexas.

Por outro lado, é inegável que as redes sociais estimularam a criatividade textual. Barbosa (2018) defende que, ao experimentarem diferentes gêneros, como poesias curtas, narrativas em blogs ou storytelling em vídeos, os jovens ampliam seu repertório expressivo. Essa diversidade contribui para o desenvolvimento da autoria.

Em suma, o impacto das redes sociais na escrita é duplo: favorece a criatividade e a autoria, mas coloca em risco a formalidade e a estrutura textual. Cabe à escola trabalhar para que os jovens consigam transitar entre diferentes registros de escrita, adaptando-se às exigências de cada contexto (Costa, 2020).

3.1 NOVOS ESTILOS DE ESCRITA

Os novos estilos de escrita que emergem nas redes sociais combinam elementos da oralidade com recursos visuais e simbólicos. Emojis, memes e gifs, por exemplo, assumem funções semióticas que substituem ou complementam palavras (Oliveira, 2023). Essa prática cria uma linguagem híbrida, marcada pela instantaneidade e pela expressividade.

Costa (2020) aponta que esses estilos ampliam a comunicação, mas podem enfraquecer o domínio da norma culta, já que os jovens passam a reproduzir tais recursos em contextos escolares. Isso demonstra como os limites entre os registros formais e informais se tornaram difusos.

Outro estilo em ascensão é o microtexto. As legendas curtas do Instagram ou os posts do Twitter são exemplos de como os jovens se habituaram a comunicar ideias de maneira sintética. Ribeiro (2021) observa que essa habilidade de síntese é positiva, mas não substitui a competência de desenvolver textos analíticos e argumentativos.



Também se destacam os estilos multimodais, que integram texto escrito, imagem e som. Mendes (2023) destaca que esse tipo de escrita é mais atrativo para os jovens e estimula sua criatividade, mas exige novas formas de análise crítica.

Portanto, os novos estilos de escrita refletem uma adaptação dos jovens às demandas das redes sociais. São expressivos e criativos, mas precisam ser acompanhados por práticas que assegurem também a escrita formal e acadêmica (Santos, 2021).

4 A ESCRITA CRIATIVA NAS REDES

A escrita criativa ganhou destaque nas redes sociais como forma de expressão artística e identitária. Plataformas como Wattpad e blogs literários oferecem espaço para jovens compartilharem histórias, poesias e crônicas. Barbosa (2018) observa que esse movimento incentiva a produção literária e aproxima os jovens da leitura e da escrita em sua dimensão estética.

Além disso, a escrita criativa nas redes é colaborativa. Muitos textos são comentados, reescritos e adaptados em diálogo com outros leitores. Fernandes (2022) aponta que esse processo de coautoria fortalece a ideia de comunidade leitora e amplia a motivação para escrever.

Outro fator relevante é a possibilidade de publicação imediata. Ribeiro (2021) defende que a ausência de barreiras editoriais dá voz a jovens autores que talvez não encontrassem espaço na literatura tradicional. Esse acesso estimula a diversidade de narrativas e perspectivas.

Contudo, a escrita criativa digital também apresenta limitações. Rocha (2019) alerta para a falta de critérios de qualidade, o que pode resultar em textos sem estrutura, com erros gramaticais e baixa coesão. Isso mostra que, embora criativa, a escrita nas redes ainda precisa ser acompanhada de orientação pedagógica.

Em síntese, a escrita criativa nas redes representa um espaço de inovação e experimentação, mas deve ser articulada à aprendizagem formal para que os jovens desenvolvam tanto criatividade quanto rigor acadêmico (Carvalho, 2020).

4.1 ERROS COMUNS E LINGUAGEM INFORMAL

Entre os erros mais recorrentes nas redes sociais estão a omissão de acentos, o uso excessivo de abreviações e a ausência de pontuação. Martins (2019) explica que tais práticas são resultado da rapidez da comunicação digital, em que a prioridade é transmitir a mensagem com agilidade.

Além disso, a influência da oralidade é evidente. Pereira (2022) aponta que os jovens escrevem como falam, reproduzindo gírias e expressões coloquiais em textos digitais. Essa tendência reforça a distância entre a escrita acadêmica e a linguagem cotidiana.



Entretanto, a linguagem informal também tem valor cultural. Oliveira (2023) afirma que ela expressa identidade e pertencimento, funcionando como recurso de aproximação entre os jovens. O problema surge quando essa linguagem é transferida automaticamente para contextos formais.

Outro erro comum é a falta de organização textual. Ribeiro (2021) nota que muitos jovens apresentam dificuldades para estruturar ideias em sequência lógica, já que estão habituados a interações rápidas e fragmentadas.

Dessa forma, os erros e a linguagem informal devem ser compreendidos não apenas como falhas, mas como reflexos de um novo modo de escrever. O desafio pedagógico consiste em ensinar os jovens a reconhecer quando e como utilizar diferentes registros linguísticos (Costa, 2020).

5 A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A inteligência artificial (IA) introduziu novos desafios e possibilidades para a leitura e a escrita de jovens. Ferramentas como corretores automáticos, tradutores e geradores de texto se tornaram comuns no cotidiano escolar e pessoal. Mendes (2023) afirma que a IA pode funcionar como apoio, ajudando a revisar ortografia, sugerir palavras e até estruturar textos.

Porém, o uso indiscriminado da IA levanta preocupações. Araújo (2024) destaca que muitos estudantes recorrem às ferramentas para resolver tarefas escolares, sem desenvolver seu próprio raciocínio. Essa dependência pode comprometer a autonomia e a capacidade crítica.

Outro risco é o plágio. Como os geradores de texto fornecem respostas rápidas e completas, há o perigo de os jovens se apropriarem de conteúdos prontos sem reflexão. Santos (2021) observa que isso afeta diretamente a ética acadêmica e a autoria estudantil.

Contudo, a IA também pode ser aliada pedagógica. Oliveira (2024) defende que, se usada com orientação, pode estimular a criatividade e auxiliar na aprendizagem de idiomas e na organização de ideias. Assim, não deve ser rejeitada, mas integrada de forma crítica ao processo educativo.

Em resumo, a influência da IA é paradoxal: oferece suporte e inovação, mas exige cuidado para que os jovens não percam o protagonismo em sua própria formação linguística (Carvalho, 2020).

6 DESAFIOS PARA EDUCADORES

O cenário atual coloca os educadores diante de grandes desafios. Os jovens chegam à escola com práticas digitais já consolidadas, o que exige dos professores flexibilidade para dialogar com essas experiências. Nascimento (2020) afirma que ignorar a realidade digital dos alunos é afastar-se de seu universo de aprendizagem. Um dos desafios é conciliar a linguagem informal das redes com as exigências da escrita formal. Pereira (2022) aponta que o professor precisa valorizar as práticas juvenis sem deixar de reforçar as normas acadêmicas, promovendo um ensino que integre diferentes registros.



Outro desafio é orientar o uso da inteligência artificial. Oliveira (2024) sugere que os docentes devem trabalhar a IA não como substituta da escrita, mas como ferramenta auxiliar, estimulando o pensamento crítico e a autoria. Além disso, é necessário repensar o currículo escolar. Fernandes (2022) defende que a educação precisa incorporar competências digitais, preparando os jovens para lidar com leitura multimodal, escrita colaborativa e ética no uso de tecnologias.

Esses desafios para os docentes no uso de tecnologias na educação envolvem uma série de adaptações e superações. Muitos professores encontram dificuldade em integrar novas ferramentas ao cotidiano escolar, seja pela falta de familiaridade com os recursos digitais, pela ausência de infraestrutura adequada nas escolas ou pela falta de formação específica.

Sabe-se que o processo de alfabetização é desafiador, e os recursos tecnológicos surgem como importantes ferramentas para auxiliar o professor no cotidiano da escola. Entretanto, embora grande parte das escolas possuam esses recursos, muitas são as dificuldades que alguns professores têm em manuseá-los. Em suma, a escola dispõe das ferramentas tecnológicas, mas os profissionais que ali trabalham não sabem utilizá-las.

Araújo e Reszka (2016) destacam a relevância de integrar as mídias e tecnologias desde o início da escolarização, já que muitas crianças possuem conhecimentos sobre o mundo digital, e essa familiaridade não deve ser interrompida. Com isso, surge a necessidade de uma formação inicial e continuada para os professores que os capacite a utilizar as tecnologias na prática pedagógica, promovendo uma aprendizagem mais significativa e adequada ao contexto atual.

De acordo com Frade et al. (2018), o uso de tecnologias digitais no processo de alfabetização e letramento inicial ocorre em um contexto democrático de acesso a esses recursos. Desde os lares de famílias com menor poder aquisitivo até as escolas mais periféricas, dispositivos digitais, como computadores, tablets e celulares com acesso à internet, estão mais disponíveis para as crianças desde cedo.

O pensamento de Araújo e Reszka (2016) e Frade et al. (2018) reflete a crescente percepção da necessidade de adaptar a educação ao contexto digital atual, especialmente a partir das primeiras etapas da escolarização. Ambos os autores enfatizam a importância de que tanto os alunos quanto os professores estejam preparados para lidar com as tecnologias digitais, considerando-as uma extensão das experiências de vida das crianças. De fato, como apontam, a democratização do acesso aos dispositivos digitais pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais envolvente e conectado à realidade dos estudantes.

A capacitação e formação de professores para o letramento digital é cada vez mais importante na educação, pois a tecnologia faz parte do dia a dia e do ambiente escolar. Ensinar os educadores a usar as ferramentas digitais de forma prática e consciente não é apenas aprender a lidar com os recursos, mas



também ajudá-los a ensinar os alunos a ler, escrever e entender melhor esse mundo conectado.(Cedro, 2019, p. 425).

O letramento digital prepara tanto professores quanto estudantes para utilizar a tecnologia de maneira crítica e construtiva, ajudando a navegar com segurança pela grande quantidade de informações da internet. Assim, a capacitação de professores em letramento digital torna-se uma ferramenta essencial para que as escolas formem cidadãos mais preparados para uma sociedade tecnológica. (Cedro, 2019, p. 425).

Acerca disso, Vilas Bôas (2020), relembra que recusar o uso de tecnologias em sala de aula pode enfraquecer a conexão entre os estudantes e a escola, especialmente porque as novas gerações já crescem imersas no universo digital, considerando essas ferramentas como parte natural de seu cotidiano. Por isso, conforme apontado por diversos autores, é fundamental que os professores integrem o interesse espontâneo dos alunos por essas tecnologias ao planejamento do processo de aprendizagem, utilizando-as de forma estratégica para enriquecer as práticas pedagógicas, diversificar as metodologias e favorecer o engajamento e a construção de conhecimento de maneira mais significativa e contextualizada.

Por fim, os educadores precisam investir em sua própria formação continuada. Carvalho (2020) observa que apenas professores preparados para lidar com o ambiente digital poderão ajudar os alunos a equilibrar criatividade, criticidade e formalidade na leitura e na escrita.

7 CONCLUSÃO

A internet e as plataformas digitais abriram caminhos inéditos para a comunicação, o engajamento e o acesso à literatura. Antes considerada distante e de difícil acesso, a literatura passou a estar mais próxima dos jovens por meio das redes sociais, que facilitaram a criação de comunidades literárias e estimularam o hábito da leitura. Nesse sentido, um ponto positivo evidente é a democratização do acesso, já que adolescentes de diferentes contextos sociais podem interagir, compartilhar experiências e ampliar seus horizontes culturais por meio da mediação tecnológica.

Por outro lado, o impacto das tecnologias digitais também trouxe desafios significativos. A norma-padrão da língua, que serve de referência para a escrita formal, muitas vezes entra em choque com a linguagem fragmentada, marcada pela informalidade e pela rapidez das redes sociais. Isso pode gerar dificuldades de adequação linguística, aumentando o abismo entre aqueles que dominam a norma culta e aqueles que se limitam à comunicação digital cotidiana. Assim, enquanto a internet potencializa a leitura e a escrita em novas formas, também acentua desigualdades linguísticas e sociais.

Outro aspecto positivo identificado está na possibilidade de os professores utilizarem as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como recursos pedagógicos inovadores. Quando bem aplicadas, essas ferramentas contribuem para a formação de um letramento digital crítico, no qual os



estudantes não apenas consomem conteúdos, mas também os analisam, reinterpretam e produzem de maneira criativa. A prática da escrita criativa nas redes sociais é um exemplo de como a tecnologia pode ampliar a expressão cultural dos jovens.

Contudo, um ponto negativo relevante é a discrepancia entre o avanço tecnológico e a realidade das práticas pedagógicas. Muitos docentes ainda não estão preparados para integrar de forma eficaz os recursos digitais em sala de aula, limitando-se ao uso técnico e deixando de explorar o potencial reflexivo e transformador da tecnologia. Essa lacuna evidencia a necessidade de políticas de formação continuada que capacitem os professores para atuar como mediadores, adaptando suas metodologias à realidade digital dos estudantes.

Em síntese, o estudo revela que as redes sociais e a inteligência artificial exercem tanto impactos positivos quanto negativos sobre os hábitos de leitura e escrita dos jovens. Se, por um lado, favorecem o acesso, a criatividade e a interação cultural, por outro, desafiam as normas formais da língua e expõem fragilidades pedagógicas. O equilíbrio entre inovação tecnológica e preservação das competências linguísticas tradicionais é, portanto, o caminho mais promissor para que a educação contemporânea forme cidadãos críticos, capazes de dialogar com os diferentes discursos que permeiam a sociedade digital.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. R. **Tecnologias digitais e práticas de letramento juvenil: desafios e perspectivas.** Revista Educação e Linguagem, v. 29, n. 3, p. 77-95, 2024.
- ARAÚJO, D. C. **Inteligência artificial e autoria estudantil: riscos e possibilidades.** Revista Educação e Contemporaneidade, v. 29, n. 2, p. 211-228, 2024.
- ARAÚJO, Carmela de; RESZKA, Maria de Fátima. **O brincar, as mídias e as tecnologias digitais na Educação Infantil.** Universo Acadêmico, Taquara, v. 9, n. 1, jan./dez., 2016.
- BARBOSA, F. R. **Juventude, escrita criativa e redes sociais: um olhar sobre novas práticas literárias.** Estudos de Linguagem, v. 16, n. 3, p. 45-62, 2018.
- BÔAS, Bruna Vilas. **Alfabetização com Apoio de Recursos Tecnológicos (TIC) no Ensino Fundamental.** Disponível em: repositorio.pgscognac.com.br. Acesso em: 12 set. 2025
- CARVALHO, M. P. **Multitarefa digital e leitura fragmentada: desafios para a educação.** Educação em Revista, v. 26, n. 4, p. 143-159, 2020.
- CEDRO, Pâmala Évelin Pires; MORBECK, Lorena Lôbo Brito. **Tecnologias de Informação e Comunicação no Âmbito da Educação em uma Sociedade Contemporânea.** Id on Line Rev. Mult. Psic. V.13, N. 45. p. 420-432, 2019.
- COSTA, T. S. **Escrta digital e norma culta: tensões no ambiente escolar.** Revista Linguagem e Ensino, v. 23, n. 1, p. 89-105, 2020.
- FERNANDES, L. H. **Do impresso ao digital: transformações nos hábitos de leitura juvenil.** Revista Práticas de Leitura, v. 11, n. 2, p. 201-218, 2022.
- FERREIRA, C. M. **Redes sociais e o desenvolvimento da escrita acadêmica em estudantes do ensino médio.** Cadernos de Educação, v. 20, n. 2, p. 112-130, 2021.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva, et al. **Tecnologias digitais na alfabetização: o trabalho com jogos e atividades digitais para aquisição do sistema alfabetico e ortográfico de escrita.** [Recurso eletrônico]. Belo Horizonte: UFMG / FaE /Ceale,2018.
- GOMES, A. L. **Leitura breve e algoritmos: o papel das redes sociais na atenção dos jovens.** Comunicação & Educação, v. 26, n. 2, p. 72-88, 2021.
- LIMA, R. F. **Produção textual e redes sociais: novas linguagens juvenis.** Revista Educação e Linguagens, v. 18, n. 2, p. 33-51, 2019.
- MARTINS, P. A. **Escrta rápida e erros comuns na comunicação digital.** Revista de Letras e Sociedade, v. 14, n. 1, p. 97-114, 2019.
- MENDES, V. C. **Ferramentas de IA no apoio à escrita acadêmica: avanços e desafios.** Linguagem & Tecnologia, v. 30, n. 1, p. 211-229, 2023.



MORAES, J. P. **Leitura e escrita em tempos de redes sociais: impactos na formação de jovens leitores.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 19, n. 4, p. 893-910, 2019.

NASCIMENTO, R. A. **Educação e juventude digital: repensando a mediação docente.** Cadernos Pedagógicos, v. 27, n. 1, p. 55-72, 2020.

OLIVEIRA, F. R. **Novas escritas digitais: oralidade, emojis e multimodalidade.** Revista Estudos Linguísticos, v. 22, n. 2, p. 121-138, 2023.

OLIVEIRA, M. C. **Educação crítica na era da inteligência artificial.** Revista Educação e Tecnologia, v. 28, n. 3, p. 98-116, 2024.

PEREIRA, G. H. **Linguagem informal e práticas escolares: dilemas e possibilidades.** Revista Educação e Sociedade, v. 43, n. 1, p. 12-29, 2022.

PRADO, J. L. **Leitura hipertextual e desafios cognitivos no ambiente digital.** Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 3, p. 233-249, 2020.

RIBEIRO, C. S. **Escrita nas redes sociais e dificuldades acadêmicas.** Revista Textos e Contextos, v. 19, n. 1, p. 41-59, 2021.

ROCHA, E. M. **Leitura superficial e redes sociais: uma análise crítica.** Educação e Pesquisa, v. 45, n. 2, p.

ROJO, R. H. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2018.